

PESQUISA EXPLANA 2.0

MAPEAMENTO DE DISCURSOS DE ÓDIO
E DESINFORMAÇÃO CONTRA A POPULAÇÃO LGBTI+
NO RIO DE JANEIRO



REALIZAÇÃO:

Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social

Data_labe – Laboratório de Dados e Narrativas

data—
labe



 **intervozes**

METODOLOGIA

Para essa edição da pesquisa Explana 2.0, nós continuamos a aplicar métodos de investigação quantitativos e qualitativos para avaliar as relações entre o discurso de ódio e a desinformação com pessoas LGBTI+ na cidade do Rio de Janeiro e municípios do entorno. Nós realizamos cinco grupos focais entre os dias dois e nove de agosto e compartilhamos um [questionário online](#) com as pessoas presentes nos grupos focais e sua rede de contatos durante todo o mês referido. Os grupos focais foram mobilizados pela Organização da Sociedade Civil [Grupo Conexão G](#), localizada no conjunto de favelas da Maré, na zona norte do Rio de Janeiro, que também sediou um grupo focal. O questionário online foi distribuído entre os coordenadores de cada território onde os grupos focais ocorreram e publicado nas redes sociais das organizações realizadoras e dos coletivos participantes, a fim de expandir o alcance..

Além da Maré, a pesquisa realizou outros quatro grupos focais em Belford Roxo e Japeri, municípios da Baixada Fluminense, na Ilha do Governador, bairro na zona norte da capital, e em Petrópolis, município da Região Serrana do estado. O público de cada grupo focal era composto por integrantes de cada coletivo, e os únicos critérios para participação eram: ser uma pessoa LGBTI+ e possuir mais de 18 anos de idade. As datas e a mobilização foram acordadas previamente com a coordenação de cada grupo. Para a realização dos grupos focais, nos sentávamos em roda com o apoio de dois microfones conectados a um gravador para registro das falas em áudio, dois mediadores da equipe da pesquisa e integrantes da equipe da comunicação para cobertura fotográfica. Em todos os ambientes havia uma estrutura de lanche e bebidas à vontade para os participantes e para a equipe, e sempre começávamos a atividade com a apresentação da proposta de acordo coletivo de acolhimento e comunicação não-violenta.

A partir daí, as organizações realizadoras da pesquisa se apresentavam e contavam seu histórico e o objetivo da pesquisa, salientando o caráter sigiloso e de privacidade dos dados de cada participante. Os grupos focais tiveram duração média de uma hora e meia. As falas foram gravadas na íntegra para posterior transcrição do áudio em texto e análise qualitativa que seria realizada por um dos mediadores presentes no grupo focal, que também tomava notas e fazia as observações necessárias.









Antes de irmos aos territórios, realizamos um grupo focal teste na sede do data_labe com os participantes LGBTI+ da organização. O objetivo era verificar a efetividade das perguntas, regular expectativas e estimar o tempo de duração dos grupos focais. Todas as perguntas foram feitas da mesma forma e relativamente na mesma ordem em todos os coletivos para garantirmos uma mesma metodologia e forma de coleta. Este grupo teste nos deu maior confiança sobre a ordem das perguntas e criamos uma série de acordos coletivos para promover uma comunicação não-violenta e acolhedora entre os participantes dos grupos focais.

O questionário online contava com 22 perguntas divididas nos seguintes eixos: dados socioeconômicos, acesso à Internet e contato com discurso de ódio e desinformação. As perguntas foram formuladas pela equipe responsável pela pesquisa, avaliadas pelos integrantes do data_labe e do Intervozes e reformuladas a partir do grupo focal teste. Os resultados foram analisados de forma não identificada e os documentos, formulários e gravações foram armazenadas em plataformas com criptografia de ponta a ponta.

Para colaborar com a divulgação do questionário online, as equipes de comunicação das organizações realizadoras produziram uma campanha de comunicação que contou com três vídeos e três carrosséis no Instagram, que totalizaram um alcance de 13.747 pessoas, 5.802 visualizações e 1.318 interações até o período de produção deste relatório, em fevereiro de 2025. O [primeiro vídeo](#) lançado apresentou uma perspectiva geral do projeto, com dados sobre a violência contra as pessoas LGBTI+ no Brasil e no estado do Rio de Janeiro e a produção de informação como uma estratégia de defesa dos direitos das pessoas LGBTI+. Os demais conteúdos abordaram a história, as ações e os desafios dos coletivos selecionados para aplicação dos grupos focais. Os coletivos, territórios e links para os vídeos estão listados abaixo:

- Encontro das Cores, Ilha do Governador e seu [conteúdo](#) de apresentação
- Gaymada, Petrópolis e seu [conteúdo](#) de apresentação
- Triângulo Rosa, Belford Roxo e seu [conteúdo](#) de apresentação
- Kilombu Kurandé, Japeri e seu [conteúdo](#) de apresentação
- Conexão G, Maré e seu [conteúdo](#) de apresentação

RESULTADOS

A pesquisa recebeu 143 respostas dos questionários online. Visto que 14 respondentes foram excluídos por terem se declarado como homem ou mulheres cis e heterossexuais, analisamos as 129 respostas válidas. A este total, adicionados as 43 pessoas que

participaram dos grupos focais, somando 172 pessoas envolvidas na pesquisa de forma direta.

DADOS SOCIOECONÔMICOS

Os dados quantitativos a seguir são referentes apenas às 129 pessoas que responderam ao formulário. A maioria dos participantes se autodeclararam como pessoas negras (n=78; 60,5%), e a faixa etária predominante corresponde a pessoas entre 25 a 34 anos de idade (n=62; 43,7%). Em relação ao gênero, as categorias mais predominantes foram homens e mulheres cis, totalizando 76,6% (n=45; n=41, respectivamente). As pessoas homo e bissexuais também apresentaram percentuais similares, totalizando 65,89% do total (n=43; n=42, respectivamente). O grau de escolaridade mais frequente foi de pessoas com o ensino superior completo e incompleto, somando 48,84% (n=63); e em relação à renda, 45,7% recebem menos que um salário mínimo (n=59).

Incluir uma tabelona com as variáveis citadas acima, na ordem que aparecem no texto

PESSOAS TRANS E NÃO BINÁRIAS REPRESENTARAM 14,3% DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA EXPLANA 2.0

Nesta edição contamos com 16 pessoas que se declararam como pessoas não cisgêneras, com maior destaque para homens trans que, dentro deste grupo, representaram 43,75% (n=7). Também registramos uma presença majoritária de pessoas pretas (75%, n= 12) e metade de pessoas heterossexuais (50%, n=8). Porém, ao contrário da amostra total, as pessoas trans têm em sua maioria apenas o ensino médio (62,5%, n=10) e um percentual bem maior de pessoas que ganham menos que um salário mínimo quando comparado com o grupo total (75%, n=12).

ACESSO À INTERNET

95,3% das pessoas declararam que têm acesso à Internet fixa de forma diária, na contramão do panorama geral brasileiro, já que a maior parte da população depende de conexão através de dispositivos móveis. Este cenário de maior dependência da rede móvel é agravado entre as pessoas não cisgêneras que responderam à pesquisa, com redução para 82% de pessoas que têm acesso diário à conexão fixa de Internet. Entretanto, foi possível notar um comportamento similar ao da população brasileira em relação ao

dispositivo de conexão com a Internet, já que 97% declararam que acessam à Internet através de seus smartphones (n=125). De acordo com os dados da última pesquisa sobre acesso à Internet, 99% das pessoas que acessam à Internet, fazem isso pelos seus dispositivos móveis no Brasil. Além desse alto índice de acesso à Internet, 98,5% das pessoas declararam que acessam a internet todos, ou quase todos, os dias. Eas atividades mais realizadas online estavam relacionadas a redes sociais (53,5%; n=69), estudos (41,2%; n=54) e assistir vídeos (29,5% n=38).

DESINFORMAÇÃO E/OU DISCURSO DE ÓDIO

No estudo anterior que realizamos sobre as violências online com a população da cidade do Rio do Janeiro constatamos que 8 em cada 10 pessoas já haviam sofrido com discurso de ódio e que 6 em cada 10 já receberam desinformação referente à comunidade LGBTI+. Nesta segunda edição da pesquisa Explana, na qual juntamos os dois tipos de violência, identificamos que 93,9% dos respondentes já tiveram contato com elas (n=122). Todavia, além de verificarmos o contato com essas violências, observamos que, enquanto 39% das pessoas se sentiram pouco afetadas, 55% declararam que se sentiram muito atingidas por essas violências (n=71).

Algo comum de acontecer nas redes sociais é que pessoas registram e têm contato com essas violências, mas nem sempre são ataques dirigidos de forma pessoal ou individual. Contudo, entre as pessoas participantes, 31,8% afirmaram que os ataques ocorreram de forma direta (n=41), e 53,5% das pessoas relataram que essas violências ocorreram com pessoas próximas a elas (n=69). Este contato direto pode ser uma das explicações ao alto índice de afetação constatado no parágrafo anterior, evidenciando que as violências online não são apenas num mundo etéreo e das nuvens de processamento, mas sobre os corpos e a psique das pessoas LGBTI+.

ADICIONAR PERSPECTIVAS DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO

Outro ponto importante diz respeito à origem dos ataques: 37,1% dos ataques foram atribuídos a pessoas desconhecidas, enquanto 35,4% das pessoas avaliam que os propagadores dessas violências são pessoas de seus próprios territórios. As pessoas participantes relataram que as páginas que mais compartilham os ataques são perfis de políticos eleitos ou decandidatos (21,8%) seguidos de mensagens de grupos ou páginas de conteúdo (19,5%).

Destacamos que na percepção das pessoas envolvidas, a desinformação e o discurso de ódio ocorrem mais nos aplicativos Instagram, Facebook e Twitter (25,3%; 24,5%; 20,7%, respectivamente) de forma equilibrada. Esse equilíbrio entre as diferentes plataformas pode ser um sintoma de que, independentemente das regras de moderação que cada uma adota, as violências contra a população LGBTI+ ocorrem de forma sistemática, mantendo uma constância a despeito da empresa que as controlam. Além disso, 51,1% dos participantes informaram que não há consequências às mensagens e conteúdos violentos que chegam até elas e que apenas 21,5% dos conteúdos são apagados. Essa apatia por parte das plataformas em mitigar as violências não pôde ser notada no levantamento que realizamos nas páginas do Facebook apontadas pelos participantes dos grupos focais, como veremos mais à frente.

Durante cada grupo focal pedimos exemplos de páginas que funcionam notoriamente como propagadoras de desinformação e/ou discurso de ódio. A tabela abaixo apresenta as principais páginas citadas pelos participantes organizadas por cada território:

Tabela 1: Páginas do facebook propagadoras de desinformação ou discurso de ódio de acordo com as pessoas participantes dos grupos focais. Fonte: A própria pesquisa

Belford Roxo	Japeri	Ilha do Governador	Maré	Petrópolis
Destaques da Baixada	Fervo dos espíritos	Alerta Ilha	Silicone industrial	Giro serra
Belford Roxo Vive	Orixá nosso de cada dia	Ilha Notícias	Maré vive	Diário de Petrópolis
Belford Roxo Informa	Filhos do candomblé	Bazar da Ilha	Maré news	
	Fervos do beco		Bom negócio da Maré	
	Japeri news			
	Coisas de diva			

Entre todas as páginas citadas, identificamos a página com o maior número de seguidores de cada território, em seguida buscamos pelos termos "gay", "homossexual", "bicha",

"sapatão", "lésbica", "trans" e "travesti" nos termos de busca de cada página selecionada entre os meses de junho a agosto de 2024. Após essa etapa, baseados primeiramente no título e descrição, classificamos se o conteúdo se tratava ou não de desinformação e/ou discurso de ódio. Depois de analisarmos os posts, fizemos uma inspeção visual na timeline para uma verificação qualitativa de casos de desinformação e/ou discurso de ódio que pudessem aparecer.

Os únicos três resultados dessa busca podem ser conferidos no Apêndice 1 ao final deste documento. Mapeamos dois ataques a pessoas gays e um a pessoas trans, sendo que em apenas um temos menção à comunidade LGBTI+ feito de forma explícita na publicação. O baixíssimo resultado pode apontar para uma hipótese que temos trabalhado há algum tempo, de que os conteúdos abertamente violentos são moderados ao longo do tempo e acabam sendo apagados a médio ou longo prazo. Isso não quer dizer que não existam mais conteúdos expressamente violentos, e sim que eles ocorrem em maior volume em páginas privadas, grupos fechados ou páginas pessoais. Além disso, a maioria das violências ocorre nos comentários das postagens, um fenômeno também apontado pelos participantes dos grupos focais. É importante frisar que este levantamento foi realizado antes da empresa META, proprietária do Facebook, do Instagram e do Whatsapp, [reduzir](#) suas políticas de moderação.

Como um dos principais objetivos desta pesquisa foi identificar fontes de desinformação e/ou discursos de ódio, expandimos a análise para incluir indivíduos mencionados nos grupos focais, como o deputado federal Nikolas Ferreira (PL/MG). Seguindo a mesma metodologia aplicada às páginas dos grupos, realizamos a busca e identificamos oito postagens de três pessoas citadas nos grupos focais: o deputado Nikolas Ferreira, o deputado estadual Rodrigo Amorim (União/RJ) e Octavio Sampaio, vereador no município de Petrópolis pelo Partido Liberal (PL).

Dessas oito postagens, cinco foram direcionadas diretamente a pessoas trans, enquanto as outras três atingiram a comunidade LGBTQIA+. Vale destacar que apenas uma publicação mencionou explicitamente a comunidade LGBTQIA+ na legenda. Todas as publicações tinham formato de vídeo. Ao realizar uma análise qualitativa das postagens dos perfis mencionados, observamos que há uma predominância de vídeos como formato de conteúdo.

Além dos dados quantitativos apresentados anteriormente, os grupos focais nos permitiram perceber relações mais profundas e inesperadas. É necessário salientar que existe uma associação entre as percepções das violências investigadas e a faixa etária do grupo, acesso à Internet, atuação profissional e grupo social de convívio. Os achados relatados a seguir são as principais e mais importantes relatadas em comum por todos os grupos focais em conjunto. Relações territoriais com as violências investigadas serão registradas como observações e destaques ao longo do texto.

O QUE É DESINFORMAÇÃO E DISCURSO DE ÓDIO?

A desinformação foi percebida como a **origem** para o discurso de ódio, ou pelo menos como uma **causa** fortemente associada. Pessoas que produzem ou reproduzem desinformação online contra a população LGBTI+ foram vistas como um grupo com menor acesso à informação, formação escolar e oportunidades.

Porém, é fundamental destacar que as pessoas participantes reconhecem que existe um outro grupo reprodutor de violências online que são aquelas pessoas que buscam manipular e enganar, a fim de dar continuidade ao discurso e estilo de vida **conservador**. Esta falta de informação, ou incompletude, gera uma incompatibilidade cultural e, juntas, promovem um distanciamento e a manutenção de preconceitos em nossa sociedade.

Todo este ciclo e exponenciação, que são característicos do ambiente online, influenciam a postura **prática** do discurso de ódio, que possui consequências pragmáticas para além do ambiente online. Consequências por vezes graves na saúde mental e física de pessoas LGBTI+, como violência física e até mesmo óbitos, seja em forma de homicídio ou suicídio.

Tanto a desinformação como o discurso de ódio têm fundamentos muito fortes na intenção de **mentir e manipular**, e algo novo, notado pelas pessoas participantes, foi o aumento dessa violência com a **distribuição automática**, promovida por contas falsas e Inteligência Artificial nas redes sociais. Este ambiente online é extremamente segmentado por aspectos geracionais, que também influencia no letramento digital dos usuários das redes sociais, ou seja, na vida offline pessoas com diferentes faixas etárias já possuem um distanciamento de rotina e pautas; com os algoritmos presentes na internet, esse abismo se **aprofunda** e faz com que gerações diferentes não se entendam e até mesmo pessoas da mesma comunidade LGBTI+ venham a se tornar reprodutoras das violências investigadas.

A ausência ou **baixa presença** de movimentos organizados, coletivos e organizações da sociedade civil contribui para uma menor **formação política** das pessoas LGBTI+ no

território, fazendo com que a desinformação e discurso de ódio sejam naturalizados nos diferentes territórios. Ou seja, sem movimento perceptível ou de repercussão não há o que atacar. Este achado é apoiado principalmente nos relatos da Ilha do Governador e de Belford Roxo, cujos coletivos relataram que em seus territórios há um baixo movimento pró LGBTI+ e que dessa forma as potenciais violências e desinformações são menos frequentes em seus cotidianos, justamente devido a esse esvaziamento.

Imagem 1: Origem, definição e efeitos da desinformação e discurso de ódio

PRINCIPAIS CASOS RELATADOS

Casos de repercussão nacional e/ou internacional com **grande cobertura** da mídia e de veículos de comunicação foram relatados de forma repetida entre os diferentes grupos focais. O principal exemplo deste fenômeno foi o [caso da boxeadora argelina](#) Imane Khelif, nas Olimpíadas de Paris em 2024. É importante informar que as Olimpíadas tinham acontecido pouco tempo antes da realização dos grupos focais e isso pode ter influenciar na memória dos participantes. Os participantes relataram o quanto este caso ganhou extrema repercussão em diferentes canais online e que foi revestido de **diversas distorções**, com violências infundadas sobre o gênero da atleta. Porém, um ponto interessante relatado pelas pessoas participantes foi o pouco conhecimento da situação real até mesmo por pessoas da comunidade que têm pouco convívio com pautas de gênero, disfunções hormonais e participação de pessoas trans em eventos olímpicos.

Este exemplo da boxeadora argelina levantou uma reação nos grupos focais do quanto a desinformação, quando ganha grande notoriedade e repercussão, tem um caráter **impositivo** e positivista, isto é, pouco importava a verdade ou os detalhes do caso, a sociedade e as pessoas do convívio falavam tanto sobre a manipulação do caso, que se referiam à atleta como se de fato fosse uma pessoa trans. Isso significa que existe um fenômeno de saturação da desinformação até que ela ganhe aspectos de verdade.

Outro caso comum, alvo das violências investigadas, são assuntos que envolvem **políticas afirmativas** e atividades voltadas exclusivamente à comunidade LGBTI+. Lembrando que todos os coletivos, independentemente de serem uma organização não governamental ou não, possuem um nível de institucionalidade e, por isso, estão envolvidos com processos seletivos ou assistenciais voltados especificamente à comunidade LGBTI+. As pessoas participantes identificaram como comuns e constantes os ataques online a processos voltados exclusivamente ao grupo que pertencem. A sensação é que pessoas não LGBTI+

se sentem, equivocadamente, **ofendidas** e excluídas quando processos afirmativos são publicados e veiculados online, o que gera uma onda de ódio e desinformação nas postagens que os grupos, ou seus parceiros, realizam na internet. Esta é uma das consequências do ciclo iniciado pela desinformação que promove o discurso de ódio, como citamos no início desta seção qualitativa. Ou seja, mesmo que as iniciativas sejam exclusivamente para pessoas LGBTI+, o público não atendido pelos grupos não consegue compreender os fundamentos de políticas afirmativas e como estas são importantes para mitigar discriminações históricas da sociedade brasileira.

Muitos casos relatados se baseavam em desinformação ou discurso de ódio voltado a **estereótipos** que a discriminação contra a comunidade LGBTI+ criou no Brasil. Estes ataques acontecem desde camadas mais superficiais como a **aparência** divergente de uma imagem conservadora de gênero de algumas pessoas LGBTI+, até mesmo a desinformação sobre **performance** de gênero de algumas entidades de matriz africana. Um exemplo citado se refere às mulheres trans que não performam um padrão de feminilidade e são extremamente atacadas, inclusive por pessoas LGBTI+. As pessoas participantes que foram vítimas e conhecem muitas pessoas que já passaram por essa violência online, sendo desmerecidas, desacreditadas e ofendidas pela forma que performam seu gênero. Os grupos mencionaram também ataques baseados em expectativas discriminatórias atribuídas a algumas orientações sexuais, como “todo gay é pederasta”, “toda travesti é profissional do sexo”, entre outras violências. Nesses casos, o aspecto da desinformação e discurso de ódio funcionam como uma ferramenta para manutenção do conservadorismo. Existe uma lógica binária comportamental e de aparência que é exigida de forma violenta das pessoas LGBTI+ com consequências extremas e mais sentidas por pessoas trans, travestis e não binárias.

Essa lógica transborda e afeta até mesmo as práticas e o imaginário sobre as entidades de **religiões** de matriz africana. Foi relatado que muitos conteúdos online de desinformação são veiculados baseados nessa estratégia, segundo a qual pessoas LGBTI+ não podem ou não são aceitas devido à sua sexualidade por outros praticantes dessas religiões, pois é esperado ou inaceitável que pessoas de certos gêneros tenham ou sejam filiados a algumas entidades com estereótipos de gênero tão marcados. Especificamente esta realidade tem muita ligação com a incompatibilidade de **formação cultural** entre os grupos da nossa sociedade. Algumas pessoas não possuem conhecimento ou vivência com outras tradições e cosmologias e, por isso, não entendem ou não querem entender e, assim, discriminam como erro ou pecado uma realidade à qual não conhecem ou ainda tentam refletir, por

exemplo, conhecimentos fundamentalmente cristãos em práticas do candomblé ou da umbanda.

Essas violências com raízes nas práticas culturais divergentes do conservadorismo são mais sentidas por aquelas pessoas que **participam** de coletivos assumidamente opostos. Exemplo disto são os coletivos de matriz africana, de grupos de saúde pró LGBTI+, de eventos da comunidade, entre outros. Ou seja, além da identidade de gênero e a orientação sexual, a **atuação** ativista ou o trabalho das pessoas é uma variável que aumenta a violência ou a percepção dela, pois a além de não pertencer a uma lógica binária e heterossexual, essa pessoa trabalha e atua exatamente com pautas que desafiam o conservadorismo e, por isso, está mais exposta aos ataques online. Essa exposição é mais notada contra os líderes ou coordenadores dos projetos, visto que têm mais visibilidade e ganham repercussão midiática. Isso também vale para as pessoas famosas, como artistas, políticos e ativistas sociais. Todos os **dirigentes** dos grupos foram citados assim como personalidades de **repercussão** nacional, entre elas a deputada federal Erika Hilton (Psol/SP), a artista Pepita, entre outras. Um caso interessante citado em dois territórios participantes foi o da atual prefeita do município de Japeri, Fernanda Ontiveros (PT), cuja vida pessoal e orientação sexual são especuladas e usadas para atacar a sua índole política. No entanto, a atual prefeita nunca se manifestou ou se declarou como uma pessoa LGBTI+, ou pró causa; sua estética e performance que são usadas para construção de desinformação e/ou discurso de ódio.

Imagem 2: Casos mais frequentes e seus efeitos

QUAIS OS FORMATOS MAIS COMUNS?

Todos os territórios consensuaram de que as violências investigadas ocorrem principalmente nos **comentários** das diferentes publicações, independentemente dos formatos. Isso significa que, embora a quantidade de postagens não seja tão elevada em alguns casos, seus comentários são o maior ponto de concentração de violências e também nos piores níveis de discurso. Contudo, quando questionadas especificamente sobre o formato, os participantes relataram que **imagens estáticas** com alguma edição são a forma mais comum de propagação dessas violências. Aparentemente, a imagem contém menos elementos de distração e consegue apresentar uma mensagem clara e atraente, deixando para as legendas e comentários a realidade do que se trata a publicação e tornando mais suscetível aos olhos menos atentos o engajamento em uma postagem violenta.

Em seguida a esses formatos, os grupos informaram que muitas violências são veiculadas em formato de **humor** ou meme e avaliaram que essa forma de sátira é muito utilizada para parecer que tudo se trata apenas de uma brincadeira, porém carregada de preconceito e violência. É possível ver, aliás, uma mudança no formato dessa distribuição que dá continuidade à violência. Antes da difusão e domínio das redes sociais em nosso cotidiano, esse tipo de piada ofensiva era veiculada na televisão aberta, mas agora apenas temos uma troca de canal de mídia.

Por último, foram relatados os **vídeos**, com edição ou não, mas principalmente aqueles que utilizam a técnica chamada *chroma key*, pela qual quem grava o vídeo consegue remover o fundo da sua imagem e inserir um novo cenário, que pode ser uma imagem ou uma notícia. Esse tipo de vídeo foi destacado pelos participantes como algo muito comum de propagar desinformação, pois traz uma suposta confiança e a fonte da informação, mas que, muitas vezes, é tirada de contexto para propagar esta violência.

Imagem 3: Formatos mais comuns

ONDE MAIS ACONTECE?

Os diferentes grupos concordaram que o **Twitter**, atual X, é a rede social com maior volume, liberdade e estímulo para ocorrência dessas violências, achado não corroborado pelas análises quantitativas. As pessoas participantes relataram que essa rede social tem esse caráter, de proporcionar uma maior liberdade para as pessoas “dizerem o que querem” e que o limite de caracteres por publicação e menor presença de mídias (foto e vídeo) aumentam o volume de engajamento. Contudo, salientamos que esta rede social foi recentemente desarticulada para mecanismos de segurança e moderação de conteúdo pelo seu maior representante, Elon Musk, o que pode ter passado despercebido pelos participantes para este efeito.

Em seguida ao Twitter, não existe uma hierarquia definida por todos os grupos, mas o **Instagram** e **Facebook** aparecem como redes sociais de alto volume de ocorrência das violências pesquisadas, o que corresponde ao equilíbrio entre essas redes, observado na etapa quantitativa. Lembramos que diferenças no consumo podem ser associadas às variáveis que citamos no início dessa seção, como faixa etária, conectividade, atuação profissional e grupo social de convívio. Os participantes relataram sua percepção de que pessoas de faixas etárias superiores e utilizam mais o Facebook e, portanto, as violências

nessa rede são mais perpetradas por esse grupo social. Em contrapartida, pessoas com menos anos de idade utilizam mais o Instagram, o que provoca efeito inverso. Outras redes sociais foram citadas de forma esporádica em diferentes territórios, porém, devido ao baixo volume e representatividade, não serão tratados aqui.

Imagem 4: Onde mais acontece?

COMO AS PESSOAS SE SENTEM?

É importante lembrar que as pessoas não eram obrigadas a responder a todas as perguntas, apenas no caso de se sentirem confortáveis. Como o sentimento e reação são assuntos sensíveis para se tratar em grupo, é possível que esta análise esteja subestimada pela restrição ou vergonha de alguns participantes. Entretanto, foi possível notar dois tipos de comportamento entre os grupos: existem pessoas que se envolvem ou se engajam em casos de violência e outras que não fazem nada e apenas ignoram este contato.

Entre as pessoas que se **engajaram**, a principal reação foi a de **denunciar** a violência sofrida. Foi relatado que este comportamento é importante para “fazer a limpa” na rede social e bloquear perfis, evitando futuros ataques. Por outro lado, algumas pessoas nos grupos relataram que depois de sofrerem violência e reagirem, foram bloqueadas mesmo estando no lugar de vítima. Em alguns casos mais extremos, as vítimas tiveram suas contas bloqueadas e perdidas por terem sido denunciadas por outros usuários a favor das violências..

O ato de fazer **limpeza** em suas redes sociais foi relatado em grande escala pelos participantes, que afirmaram que a prática não os torna imunes às violências. É comum que uma pessoa muito íntima, como um membro da família publique ou republique algum conteúdo violento contra pessoas LGBTI+ e que, devido à proximidade, não poderia ser bloqueada ou removida.

Uma parcela menor de pessoas afirmou que tenta **dialogar**, dando respostas mais completas, oferecendo contexto ou mais informação, com o intuito de aumentar a empatia e o diálogo com as demais pessoas. Em último caso, temos aquelas pessoas que relataram não se sentirem afetadas com as violências sofridas a ponto de reagirem, mas invariavelmente sentem **repulsa**, **raiva** e **questionam** como pessoas próximas a elas, que as conhecem e convivem com elas, podem ser violentas. Muitos outros termos foram usados para descrever como os participantes se sentem com as violências online, porém existe uma percepção de não segurança ou não liberdade de suas identidades. Esses

sentimentos distanciam ou já distanciaram as próprias pessoas de mais atividades, relatando até mesmo que as pessoas com mais anos de idade não são tão vistas em atos e movimentos de protestos justamente por já terem sido muito violentadas e que se sentem cansadas deste cenário, o que aumenta mais ainda o abismo geracional dentro da comunidade LGBTI+.

Imagem 5: Como as pessoas se sentem

PERSPECTIVAS TERRITORIAIS

Esta seção se destina a mostrar o que nós percebemos de cada território. Nossas pesquisas passadas já apontavam para a hipótese de que cada território terá uma mediação única no contato ou produção de desinformação e/ou discurso de ódio. Para começar de uma camada mais macro de análise, existem características de localização que vão carregar consigo variáveis que influenciam a conectividade com a internet, fazendo com que a oferta de mais serviços online e planos com maior capacidade de conexão tornem a população mais propensa a ter uma vida conectada e suas consequências. Além disso, o território também influencia nas condições socioeconômicas dos habitantes que ali residem, o que faz com que, principalmente no Rio de Janeiro, haja bairros bem marcados com extremos de riqueza, oferta de serviços públicos e infraestrutura. Por fim, algo notório em nossos estudos é que o local também pode oferecer mais ou menos espaços de convivência entre as pessoas LGBTI+, facilitando ou dificultando a integração, formação de consciência política e sentimento de pertencimento. Por conta disso, descreveremos brevemente as características mais distintas dos territórios, percebidas principalmente nas análises qualitativas e nos relatos dos pelos participantes dos grupos focais.

Belford Roxo

O encontro para a realização do grupo focal foi organizado em parceria com um aparelho público pró-população LGBTI+ e, mesmo assim, tivemos dificuldade em encontrar uma grande quantidade de pessoas que estivessem engajadas a participar da reunião. Esse sentimento de ausência de sinergia entre as pessoas LGBTI+ do território foi confirmado no próprio grupo focal por diferentes pessoas. Um dos pontos que foi revelado é que existe um distanciamento entre as diferentes gerações que ocasiona episódios de disputas. Ademais, em diferentes falas e formas de expressão foi mencionada a ausência de formação política acerca das agendas da comunidade LGBTI+. Essa formação não foi vinculada apenas a espaços formais, como a presença de coletivos institucionalizados (que também foram

apontados como ausentes no território), mas também de espaços informais como festas, reuniões e espaços seguros de encontro.

Por fim, é importante salientar que este foi o território onde foram apontadas as piores condições de conectividade, com relatos de áreas que dependem exclusivamente de dados móveis e que ações de comunicação online não funcionam ou não atingem as pessoas que moram um pouco distante do centro da cidade.

Japeri

Este território revelou características ambíguas em relação ao contato com as violências investigadas pela pesquisa. Enquanto os participantes foram unânimes em perceber que o território é extremamente conservador e LGBTI+fóbico, o coletivo em questão é um lugar de acolhimento e formação política de maneira intencional e declarada. As diferentes pessoas LGBTI+ presentes no grupo focal demonstraram ter muita coesão entre seus pensamentos e alto grau de pertencimento e orgulho por serem um grupo LGBTI+. Interessante perceber que embora funcione como um lugar de refúgio para os seus participantes, o coletivo não se anuncia assim nas redes sociais ou nas estratégias de comunicação. Eles compreendem que esta aceitação e acolhimento é uma forma ancestral e não ocidental de existir, portanto uma consequência da cosmologia à qual pertencem. Este contexto não isenta o grupo ou seus participantes de um alto contato com as violências investigadas, principalmente as que se relacionam com a intolerância religiosa. E, por isso, o próprio grupo realiza rodas de conversa, visitas e encontros temáticos para que eles sempre encontrem, uns nos outros, uma forma de proteção.

Ilha do Governador

Este território é amplamente conhecido por ser um bairro da cidade do Rio de Janeiro composto por pessoas mais conservadoras e com um sentimento de distanciamento da cidade, talvez por ser um ilha conectada à cidade e principalmente acessada por causa do Aeroporto Internacional do Galeão. Entretanto, nos últimos anos o local entrou no circuito cultural e de entretenimento LGBTI+ por ter uma casa de festas e bar onde funciona uma das baladas LGBTI+ com shows fixos de drag queens. Apesar do pouco tempo de existência, eles já conseguiram mobilizar a realização da 1ª Parada LGBTI+ da Ilha do Governador. Apesar desses feitos, as falas apontavam para um pensamento contraditório: “não há muita LGBTI+fobia por não existir um movimento LGBTI+”. Essa dicotomia é singular e demonstra que as pessoas que fazem parte e constroem o coletivo talvez precisem se enxergar e se assumirem dessa forma.

Maré

Este território possui uma característica muito marcante: ser o único território reconhecido como favela entre os demais. Talvez, por isso, a maioria das pessoas demonstrava um alto grau de conhecimento sobre as demais integrantes e relações estabelecidas há bastante tempo. A relação com páginas online propagadoras das violências pesquisadas se dava com as páginas do próprio local, culminando em uma percepção de bolha territorial e digital ao grupo e suas vivências. Uma característica muito marcante entre as pessoas do grupo focal foi a alta participação de pessoas acima de 30 anos de idade e de mulheres trans e travestis, que se- declararam como trabalhadoras do sexo.

Petrópolis

A cidade de Petrópolis é conhecida por ser um lugar conservador do estado do Rio de Janeiro e comumente a sua população se orgulha de ser definida assim, tendo elegido políticos assumidamente de extrema direita. Apesar deste cenário, encontramos um grupo que consegue mobilizar uma rede ainda maior de pessoas para suas atividades, que são realizadas em espaços públicos da cidade. As pessoas participantes deste grupo demonstraram ter idade próxima de 20 anos, sendo reconhecido como o grupo mais jovem e com uma presença maior na internet e com acesso a mais ferramentas online, características distintas dos demais grupos.

https://adiadorim.org/reportagens/2025/02/licenca-para-odiar-por-que-mudancas-na-meta-a-meacam-a-populacao-lgbtqia/?utm_source=substack&utm_medium=email

Apêndice 1: Levantamento das páginas de cada território

Título do post	Página encontrada	Data da publicação	Número de curtidas	Número de comentários	Grupo atacado	Teor principal da mensagem	Observações / extras
Uma ordem religiosa está prestes a inaugurar um santuário dedicado a Lúcifer em Gravataí, na Região Metropolitana	Giro Serra	10/08/2024	141	161	Trans	"se fosse uma estátua de algum cantor trans ou algo do tipo geral ia exaltar né"	O post não foi direcionado a comunidade LGBTQIAP+, porém, o autor do comentário usou da oportunidade para citá-la

de Porto Alegre.							
Vai ser uma quantidade enorme de viado junto	Giro Serra	28/06/2024	106	52	Gay	"vai ser uma quantidade enorme de viado junto , quero ver vcs terem coragem de marcar os amigos de vocês aí 🤔🤔🤔🤔 🤔🤔🙏🙏 "	
O que mais tem é gente safada denegrindo a imagem da nossa religião	Fervo dos espíritos	21/08/2024	0	1	Gay	"O que mais tem é gente safada denegrindo a imagem da nossa religião essa bicha safada paga de pai de santo mais usa droga cadê os orixas nessa hora ?"	A publicação exibia a foto de um homem negro, com os olhos censurados, aparentemente fazendo uso de maconha.

Apêndice 2: Levantamento das páginas pessoais potenciais propagadoras de desinformação e discurso de ódio

Título do post	Página encontrada	Data da publicação	Número de curtidas	Número de comentários	Grupo atacado	Teor principal da mensagem	Observações / extras
É o meu fim - veja até o final	Nikolas Ferreira	06/08/2024		26800	Trans	O caso da boxeadora Imane Khelif nas Olimpíadas 2024	O autor afirma que a boxeadora é homem em vários momentos do vídeo e ainda passa trechos de outros vídeos com o mesmo discurso. Além disso, em todo o vídeo tem discurso de ódio direcionado a pessoas trans
A verdade prevalece.	Nikolas Ferreira	01/08/2024		33400	Trans	O caso da boxeadora Imane Khelif nas Olimpíadas 2024	O autor afirma que a boxeadora é homem em vários momentos do vídeo e ainda passa trechos de outros vídeos com o mesmo discurso. Além disso, em todo o vídeo tem discurso de ódio direcionado a pessoas trans
Ninguém aguenta mais	Nikolas Ferreira	26/07/2024		59900	Outros	O vídeo tem tom irônico e crítico, tentando retratar a militância LGBTQI+ como hipócrita e intolerante	
O que é mulher? A ministra da mulher do Lulu não sabe. Veja até o final.	Nikolas Ferreira	06/06/2024		19200	Trans	O vídeo é uma fala de Nikolas na Câmara com a Ministra da Mulher sobre uma declaração dada pela mesma que não há resposta para a pergunta- o que é mulher?	Durante todo o vídeo Nikolas tem um discurso vazio e de ódio sobre mulheres trans

Conto com você para me ajudar a combater o avanço da esquerda em nossa cidade. Ou freamos os arautos do atraso agora, ou talvez jamais consigamos recuperar Petrópolis	Octavio Sampaio	27/08/2024		167	Outros	No vídeo o autor usa um vídeo de um Lula na posse cantando e dizendo todes para falar sobre uma lei dele para não se ter o uso de pronomes neutros em escolas de Petrópolis.	No final do vídeo o autor fala sobre as últimas eleições em que o vereador mais votado em Petrópolis tinha como o partido o PSOL.
Conseguimos proibir o uso desse dialeto monstruosos! Querem destruir a sociedade, principalmente afetando nossas crianças 22.222 Vereador Octavio Sampaio	Octavio Sampaio	26/08/2024		160	Trans	Foto sobre a lei de sua autoria que proíbe o uso da linguagem neutra em materiais didáticos em Petrópolis	
Enquanto todos definham no sistema de saúde em Petrópolis, o prefeito resolve gastar com um serviço privilegiado pra LGBTQIA+. É demais pedir isonomia? É demais pedir que todos sejam tratados igualmente?	Octavio Sampaio	14/06/2024		52	Outros	No vídeo o vereador fala sobre a divulgação da abertura do Ambulatório Municipal Especializado em Saúde LGBTQIA+.	
SIGAM O VEREADOR @rogeriopiresamorim !!! DEIXEM NOSSAS CRIANÇAS EM PAZ! C@NALHAS, MIL VEZES C@NALHAS!	Rodrigo Amorim	10/06/2024			Trans	É um vídeo do vereador Rogério Amorim mostrando e falando de um vídeo das passeatas pelo direito de corpos trans de criança no qual as crianças trans participavam. O vereador fala sobre uma ementa que está construindo para proibição de crianças em passeatas sobre a temática	